

# Não conheço, não valorizo, não preservo!

Se não conheço, não valorizo. Se não aprendi a valorizar, não preservo. Esse raciocínio aplicado pela ciência da história, aparentemente simples, é revelador do cenário atual de Araxá.

A cada dia, a cidade destrói seu patrimônio histórico para construir seus caixotes, ditos belos, modernos, progressistas... A cidade do sol, das águas (?), do Grande Hotel, do mióbio e de tantos outros ícones, transforma-se insistentemente em "cidade-caixote". O incessante destrói/constrói desfigura nossas características, as mais representativas.

O movimento destruidor em pauta permanente no vaivém das gestões públicas insensíveis, anula nossa identidade. Já não nos reconhecemos nos espaços e símbolos da cidade que é de todos nós. Mas... se não conheço, não valorizo, não preservo.

A cidade onde vivemos não é apenas um palco nos quais se desenrolam histórias. Ao contrário, a cidade é a história em si. Os seus espaços não são meros suportes onde se formam ruas, instalam-se equipamentos urbanos, plantam-se árvores ou se criam e recriam monumentos. E os aspectos imateriais, intangíveis?

Não por acaso, há o hábito de referir-se às ruas como artérias, comparando-as ao corpo humano. São as metáforas da cidade em que suas linhas veem-se incorporadas ao traçado das vidas dos moradores.

O movimento contínuo da história e a insensibilidade urbana - essa oriunda de gestores municipais e empreendedores que não conhecem nem sabem valorizar o passado de Araxá no seu real papel - trazem mais incertezas quanto à sobrevivência dos raros exemplares do nosso patrimônio histórico. Poucos ainda restam, alguns em estado agonizante.

Três desses, na nossa antiga Rua Boa Vista, a Pres. Olegário Maciel, nos revelam desrespeitoso descaso. A Casa do Poeta (antes, Cine Teatro Glória, depois Clube Brasil), o prédio do então Banco Nacional (sede de vários bancos e depois do Centro de Cultura) e o prédio central da Prefeitura, construído originalmente para ser o Banco do Brasil local. O primeiro deles, datado de 1930, passou por acurada restauração, quando o Ministro Olavo Drummond o dotou de novas funções. Duas delas, inéditas, deram abrigo à Academia Araxaense de Letras e à Biblioteca Municipal Viriato Correia. Na sua placa de inauguração, ao final de 2000, o en-



lão prefeito registrou por escrito, em modelo reproduzido da sua própria caligrafia: "Aqui, na Casa do Poeta, o araxaense há de encontrar a cultura e a inteligência de uma época e a fascinante poesia do mundo novo".

O destino sonhado pelo poeta, escritor e gestor público, não se cumpriu. O que vemos ali, hoje? Apenas o funcionamento de uma feira mantida pela Associação Semente Criativa, para exposição e comercialização de trabalhos artesanais. Agora valores comercial, social e cultural dessa medida, a condição do prédio é lastimável. Aquela é um bem tombado por lei para assegurar-lo do desprezo e do esquecimento. Contraditoriamente, está na inversão da história.

Considerando as questões jurídicas que rondam o edifício, mas não justificam seu abandono atual, está um patrimônio coberto de sujeira, placa inaugural servindo de apoio à planta decorativa e tantas outras germinadas na umidade das antigas paredes... Rebocos desmoronando-se, pinturas esmaecidas e descascadas, antiga bilheteria do cinema em visível desleixo e cartazes expostos por empresas desavisadas de que ali não é lugar apropriado para tal.

Se a bilheteria do cinema está em condição precária, o que dizer dele mesmo? O histórico salão de exibição de filmes, reduto de inúmeros enredos protagonizados na tela e na plateia à sua frente, reinaugurado ao final do milênio, agora é um ambiente fechado na escuridão de uma lona preta que oculta o acesso e não deixa à mostra o amontoado de poltronas azuis, antes belas e

**Ainda no térreo, a Academia Araxaense de Letras (AAL) que recebera, no mesmo período, as chaves da sede própria pela primeira vez na sua história, nos últimos anos ganhou "ordem de despejo"**

confortáveis. Olhares e mentes atentas poderão imaginar as condições salutaras daquele espaço desolador.

Ainda no térreo, a Academia Araxaense de Letras (AAL) que recebera, no mesmo período, as chaves da sede própria pela primeira vez na sua história, nos últimos anos ganhou "ordem de despejo". Sem teto, foi acolhida pelo Uniaraxá. As letras douradas da inscrição AAL, lembrando que lá um dia existiu em espaço que se pensava definitivo, exibem imponente contradição com o amor e o respeito à literatura da terra.

A Biblioteca Viriato Correia, criada por lei em 1950, continua sem sede própria. Mantém-se em espaço insuficiente para louvável missão, fruto do alheamento nosso e de nossos governantes. Quanto à sede da Academia, a escritora e poeta Vilma Cunha Duarte, expressão da nossa confraria, emocionou-nos a todos, ao legar-nos seu imóvel residencial, em testamento aberto póstumo. Agora, a AAL irá morar para sempre na "casa de Vilma

Cunha", no centro de Araxá.

Como num verdadeiro contágio, o vizinho "Banco Nacional", outro bem cultural legalmente "protegido", apresenta semelhante impedimento jurídico, que também não se sustenta para deixá-lo em deprimente estado de conservação. Na fachada edificada no final dos anos 1920, a nobreza do revestimento em mármore contrasta com lixeiras encaixadas nos vãos abertos do traçado arquitetônico e abomináveis sinais de sujeira e de uso indevido para produtos descartáveis do entorno.

No quarteirão seguinte da "Boa Vista", a Prefeitura se impõe como coração da municipalidade. Primeiro foi sua sede única, desde os anos 1970. Com a construção do novo Centro Administrativo em amplo e longínquo espaço, este dispõe apenas de uma parte dos serviços públicos. No seu interior vê-se um antigo e pesado cofre, herança do Banco do Brasil no local, que em 1949, teve nele a precursora sede araxaense, depois vendida à prefeitura.

Em rápido, mas atento olhar de quem circula pela calçada, nota-se que letreiro e pintura há muito não recebem devidos reparos. Pastilhas do revestimento mostram vazios não condizentes com o poder político-financeiro da sua proprietária.

Uma outra questão corolária a essa temática está latente: nos últimos anos o poder público não se atentou à importância do trabalho de pesquisa e preservação nascido, há 41 anos, dos arquivos da Fundação Cultural Calmon Barreto. Falta de conhecimento, de interesse e de dispo-

sição para investimentos de toda ordem, levaram à situação atual dos mesmos e às suas perdas irreversíveis. São eles fonte inesgotável de conhecimento histórico sobre Araxá.

Se não conheço, não valorizo, não preservo... Com exceção do Museu Dona Beja, mais antigo do que a FCCB, todos os demais museus locais existem como decorrência do nobre e desafiador trabalho dos primeiros tempos dessa instituição de quase meio século.

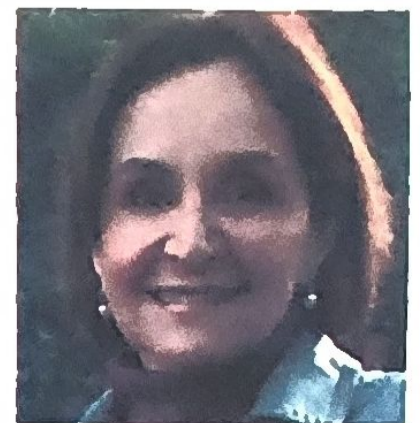
Há argumentos contrários de que existem prioridades administrativas, consideradas "mais importantes". Aos apologistas desse pensamento, me contraponho. Acredito que a raiz dessa questão está na nossa incapacidade de compreensão da história e, por extensão da cultura, da arte, da literatura e de outros campos das humanidades.

Atividades geradas a partir desse amplo conceito de cultura são bem mais do que puro deleite. A propósito, o historiador francês Roger Chartier quando interrogado se a chamada linha da "história cultural" não seria "perfumaria", respondeu ao interlocutor:

"... nós, franceses, adoramos perfumes." Haja vista a célebre indústria cosmética do país dos perfumes e também dos vinhos, dos queijos, da Sorbonne... que fazem da França um clássico e rentável destino cultural.

História, cultura, arte, literatura, gastronomia e turismo andam juntos. Araxá é emblemática nesses quesitos que geram emprego e renda, promoção social, prosperidade...

Araxá é suficientemente rica de recursos financeiros para proteger sua história e seu patrimônio cultural. Faltam-lhe consciência, sensibilidade e educação patrimoniais. Faltam-lhe gestores que observem a cidade nas suas inúmeras nuances... Que conheçam seu passado, valorizem-no e preservem-no.



♦ Glaura Tebeteira Nogueira Lima  
♦ Cadeira 22